

## ETOLOGIA E CORPO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A METAMORFOSE DO HUMANO

André Sousa Trindade\*  
Wandeilson Silva de Miranda\*\*

**Resumo:** Como resultado de um interesse investigativo sobre o corpo, alegamos a necessidade de analisarmos os modos de ser e existir na filosofia nietzschiana pelo prisma de uma ética com base etológica. Isso, viabilizará uma desarticulação do sistema de julgamento atrelados a valores transcendentais (ontologia da transcendência), e substituí a dicotomia alma/corpo – bem/mal pela diferença qualitativa dos modos de existência, bom/mau (ontologia da imanência).

**Palavras-Chaves:** Corpo. Etologia. Ontologia. Afetos. Modos de Existência.

## ETHOLOGY AND BODY: CONSIDERATIONS ABOUT HUMAN METAMORPHOSIS

**Abstract:** As a result of an investigative interest about the body in Nietzsche's philosophy through the prism of an ethics based on ethology, the present article intends to be a contribution for these studies. We argue that is possible to replace the judgment system linked to transcendent values (ontology of transcendence) with the ontology of immanence, a qualitative difference in favor of affirmative mode of existence.

**Keywords:** Body. Ethology. Ontology. Affection. Existence Modes.

### INTRODUÇÃO

A presente pesquisa pretende ser uma contribuição aos estudos sobre o corpo na filosofia de Friedrich W. Nietzsche (1844-1900). A filosofia nietzschiana viu o homem como uma transição, uma ponte ou uma corda entre o animal e o além-homem. Nietzsche (2011b, p. 261) na obra *Assim falava Zaratustra* no canto *Das Antigas e das Novas Tábuas* cita que “O homem há de ser uma ponte e não um fim”. Tal afirmação criou uma linha de estudos e reflexões as mais diversas dentro da filosofia, que vão desde o anti-humanismo, ao trans-humanismo até as implicações políticas da eugenia. De qualquer modo, esse tema tornou-se um ponto fundamental para entender a

---

\* Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação PPGFIL-UFMA (Universidade Federal do Maranhão). Integrante do Grupo de Pesquisas NeoBio: Ontologia, Corpo e Biopolítica.

\*\* Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. É professor adjunto da Universidade Federal do Maranhão, leciona na graduação do Campus São Bernardo e na Pós-Graduação (mestrado) do Departamento de Filosofia - Campus Bacanga - São Luís. Coordenador do Grupo de Pesquisas NeoBio: Ontologia, Corpo e Biopolítica.

contemporaneidade. A tese nietzschiana, em último caso, indica que a superação da ideia de Homem, nos coloca em um novo limiar, ou seja, quais são as possibilidades de uma nova humanidade quando não mais fundamentada pela concepção clássica da filosofia ou pela visão teológica que esteia os valores da civilização. Neste sentido, Deleuze na obra *Foucault*, vai afirmar que “As forças, no homem, supõem apenas lugares, pontos de aplicação, uma região do existente”. (DELEUZE, 2005, p. 132). Dito isto, torna-se necessário pontuar para onde Nietzsche direciona suas críticas relacionadas ao corpo, e o porquê de optarmos por fazermos um recorte para delimitarmos nosso tema.

Nietzsche, através da sua filosofia do martelo, construiu uma nova ontologia do corpo, trilhando na contramão da tradição filosófica clássica e mecanicista que concebeu o corpo como uma dualidade dividida antagonicamente. Do mesmo modo, como se distanciou do materialismo<sup>10</sup> que versava o corpo como uma substância reduzida às suas partes e ao conjunto das suas reações químicas. Platão (428 a. c – 347 a. c) na *Teoria da Imortalidade da Alma*<sup>11</sup> elaborou uma série de proposições de caráter dialético-mistagógico para guiar o homem ao conhecimento do bem. Com efeito, o homem só conseguiria alcançar o conhecimento verdadeiro ao se afastar o quanto possível do corpo e de suas paixões. No tocante a isso, o corpo ocupa dentro desta teoria dualista um caráter de subserviência à alma. René Descartes (1596 – 1650) do mesmo modo, analisa o homem partindo de uma perspectiva dual de existência, divide-o em duas partes, o corpo (*res extensa*) e o espírito (*res cogitans*). Assim, o corpo na filosofia

---

<sup>10</sup> Podemos citar: O platônico e Cartesiano como correntes Dualistas, que se estruturam na dicotomia corpo e alma, entretanto, cada uma com especificidades distintas em relação ao corpo e suas funções, como também sobre a alma, sendo o Racionalismo (alma) e o Materialismo (corpo). Fundamentam a separação corpo e alma, e a valorização da alma em detrimento do corpo.

<sup>11</sup> No diálogo *Fédon*, Platão assume uma posição de caráter metafísico influenciado pela religião órfica que tinha em suas bases a imortalidade da alma e o desprezo pelo mundo material. Deste modo, assume uma perspectiva de busca da absoluta transcendência no diálogo, formando, assim, um guia ascético de negação do corpo e de afirmação da alma como a parte racional e imortal do homem. Em suma, na obra encontramos radicalmente o corpo em antítese com a alma, porém, ressalta Reale que tal posição é mais estratégica do que essencial em sua doutrina: “Todavia se isso é verdade, também é verdade que essa antítese é apresentada pelo filósofo sobretudo sob a forma de uma mensagem de caráter absolutamente provocador. De fato, no plano físico e antropológico em sentido estrito, Platão assumiu posições bem mais temperadas e equilibradas considerando “natural” a conjugação da alma com o corpo, e essencial o “cuidado” do corpo. De fato, não só deu grande importância à “ginástica” e à “medicina”, mas no *Timeu* entendeu o homem como um conjunto estrutural (*synamphoteron*) de corpo e alma, concebido e querido pelo Demiurgo em nível programático e realizado de modo perfeito pelos “deuses criados”. (REALE, 2002, p. 175).

mecanicista é comparado a uma máquina movida por uma alma, e deste modo, é responsável pelo controle do corpo, como também, na apreensão da realidade<sup>12</sup>.

Diante de tais proposições Nietzsche rompe com qualquer forma de dualismo, ele compreende que tal dicotomia subtrai a capacidade dos afetos no corpo e sua capacidade de criação a partir da relação de afetividade do corpo com o mundo e, do mesmo modo, rompe com uma vida regida sobre bases sumamente materialistas; então, como estruturar uma nova ressignificação corporal que não esteja presa em ambas as correntes de pensamento? Como tratar do conceito *corpo* sem cair no aspecto dualista de alma e corpo, e que não esteja com a cabeça presa ao racionalismo divino - alma, nem tampouco, presa ao materialismo crasso da terra?

Como resultado de um interesse investigativo sobre o corpo, alegamos a necessidade de analisarmos os modos de ser e existir na filosofia nietzscheana pelo prisma de uma ética com base etológica. Tal procedimento viabilizará uma desarticulação do sistema de julgamento atrelados a valores transcendentos (ontologia da transcendência), e substituí a dicotomia Alma/Corpo ou Bem/Mal pela diferença qualitativa dos modos de existência, bom/mau<sup>13</sup> (ontologia da imanência). Nosso propósito requer a discussão de uma tese que relacione ontologia e corpo na filosofia de Nietzsche. Para tanto, o aspecto etológico será o fio condutor para compreendermos como se dará os modos de ser e existir na filosofia de Nietzsche a partir da capacidade do corpo em afetar e ser afetado. Acreditamos na relevância e importância deste trabalho para pensarmos ontologicamente o lugar do corpo na existência e quais suas possibilidades existenciais mediante as afeções.

## ONTO-ETOLOGIA

Qual fundamento conceitual nos permitirá alinharmos ontologia e etologia na filosofia nietzschiana? Nesta pesquisa utilizaremos o conceito de corpo proposto na filosofia de Nietzsche como fio condutor que guiará nossas considerações e proposições

---

<sup>12</sup> Para Descartes, lembra Le Breton, o corpo do homem é completamente associado à máquina, a metáfora do relógio (com suas engrenagens e contrapesos) torna-se exemplar para adequar essa visão com a física proposta por ele. Marionete levada pela a alma, o corpo, deste modo, visto como um autômato é reduzido aos elementos básicos de composição e articulação de uma máquina. (Cf. Le Breton, *Antropologia do corpo e modernidade*, p.119).

<sup>13</sup> Cf. Deleuze, *Filosofia Prática*, p. 29.

acerca dos modos de existir. A filosofia de Friedrich Nietzsche traz uma impactante perspectiva sobre o que é a vida e quais os caminhos possíveis para vivê-la de forma plena. É a concepção de corpo que nos proporcionará pensar os modos existenciais, sejam eles para elevação da potência corporal, ou, para o declínio da potência. Essa concepção não estabelece um corpo ideal, ou algum protótipo que serviria de modelo que generalizaria a compreensão do que seja a transição do homem para o além-homem. O elemento ético da proposta nietzscheana impede tal procedimento, pois o que está em questão é própria relação dos indivíduos com seu corpo, com suas forças e suas condições imanentes, ou seja, não se trata de qualquer corpo ou de forma aleatória, mas, do meu corpo, um exercício de domínio, antes de tudo, de si mesmo, não num combate aos instintos, mas numa vida ascendente na qual felicidade e instinto são idênticos<sup>14</sup>: “O corpo é fenômeno múltiplo, sendo composto por uma pluralidade de forças irreduzíveis; sua unidade é a de um fenômeno múltiplo, ‘unidade de dominação’”. (DELEUZE, 2018, p.56).

Na obra *O Anticristo* Friedrich Nietzsche afirma, “Considero a própria vida como instinto de crescimento, de duração, de acumulação de forças, como instinto para o *poder*” (NIETZSCHE, 2011c, §6, p, 18). O conceito de vontade de potência<sup>15</sup> será primordial para compreendermos quando Nietzsche considera a vida como instinto de crescimento, de duração e de acumulação de forças. Como o meu corpo poderá desenvolver ou acessar um modo de existência que eleve a potência corporal? Este é um ponto importante a ser frisado, pois o corpo na filosofia nietzschiana é multiplicidade de forças em acontecimento, não é um corpo moral, sobrecarregado pelo *Tu deves*<sup>16</sup>. Por isso, Nietzsche critica o modo de existência do homem socrático-platônico fundado na moral ascética como via de caminho para o conhecimento do bem, em detrimento dos afetos, e assentado num modo de existência que rebaixa capacidade de acesso à vontade de potência de forma ativa. Quando se analisa conjuntamente ontologia e etologia não teremos mais dois campos do conhecimento separados, mas, uma *onto-etologia* – ser e existir –, sendo aplicados na compreensão dos modos de existência dos corpos. Por esta perspectiva, o corpo não será mais avaliado e/ou concebido pelo aspecto moral, que

<sup>14</sup> Cf., *O Crepúsculo dos ídolos* (O problema Sócrates, §11).

<sup>15</sup> “A vontade de potência é o elemento do qual decorrem, ao mesmo tempo, a diferença de quantidades das forças postas em relação e a qualidade que, nessa relação, cabe a cada força”. (DELEUZE, 2018, p.68).

<sup>16</sup> Cf. Nietzsche, *Assim Falava Zaratustra*, p. 39- 43.

atribuía adjetivos de culpa aos fenômenos da corporeidade.<sup>17</sup> Afirma Nietzsche (2008b, p. 72): seguindo esse argumento “Toda a ética até agora é ilimitadamente limitada e local: além disso, cega e mentirosa em relação às verdadeiras leis. Ela não estava aí para esclarecer, porém para impedir determinadas ações: menos ainda *educar*.”

O corpo, segundo Nietzsche, no canto *Dos que desprezam o corpo*, diferente do que era apresentado pelas teorias dualistas<sup>18</sup> será o ponto de partida para apresentar uma nova forma de existir atualizada nas afecções, pois não se terá corpo e alma como duas substâncias distintas. “[...] todo eu sou corpo, e nada mais; a alma não é mais que um nome para chamar algo do corpo.” (NIETZSCHE, 2011b, p. 51). Para isso, o corpo dentro da filosofia de Nietzsche foi concebido como uma multiplicidade de forças em acontecimento, como ele afirma nos fragmentos “o indivíduo como multiplicidade”<sup>19</sup>. Nesse sentido, para compreendermos a ontologia do corpo em Nietzsche, se faz imprescindível compreender os modos de ser e existir tendo como base as afecções que o corpo enfrentará.

Quando Nietzsche propõe uma transmutação de todos os valores destituindo-os de qualquer aspecto metafísico e atendo-se explicitamente à imanência, ele cria uma outra perspectiva sobre a vida, uma nova ontologia na qual o corpo é parte necessária e não acidental da existência humana (ontologia da imanência). Não se trata somente de uma mudança no conceito de corpo, mas, de como a vida passa a ser vista e vivida a partir de uma nova perspectiva *do e para* o corpo, instaurando assim, uma ressignificação radical não só do corpo, mas também, da concepção de vida em oposição a qualquer tipo de dualismo (ontologia da transcendência), pois em Nietzsche, o orgânico não é contrário ao inorgânico, antes o que existe é uma “continuidade entre a matéria, a vida e o espírito.”<sup>20</sup>

---

<sup>17</sup> A perspectiva dualista sobre a vida criou o corpo adjetivado com valorações negativas, afirma Nietzsche na obra *Crepúsculo dos Ídolos* no § 1 *A razão na Filosofia*, “[...] uma ilusão que faz com que não possamos perceber o ser: onde está o impostor? Já o apanhamos, gritam alegremente, é a sensualidade! Os sentidos, *que por outro lado são tão imorais...* eles nos enganam a respeito do mundo verdadeiro.” (NIETZSCHE, 2008a, p.35).

<sup>18</sup> O corpo na filosofia nietzschiana vai em contraponto a antiga *forma-homem* ligada a preceitos e fundamentos do mundo transcendente. Para isto Nietzsche vai proferir severas críticas às teorias dualistas: o platonismo; a judaico/cristã e a mecanicista, haja vista, que tais teorias expressam um caráter dual de existência separando corpo e alma, implicando uma valorização da alma ou espírito em detrimento do corpo mortal.

<sup>19</sup> Cf., Nietzsche, *fragmentos do espólio* (julho de 1882 a inverno de 1883/1884, p. 241).

<sup>20</sup> Cf., Barbara Stiegler, *Nietzsche et la biologie*, p. 59.

É indissociável etologia<sup>21</sup> e ontologia<sup>22</sup> na filosofia de Nietzsche, isto é, como desenvolver uma compreensão minuciosa sobre essa nova perspectiva sobre o corpo, sem compreender o que *define um corpo* e o que *pode um corpo*, e como se dá o processo de criação dos modos de existência? Sem estes parâmetros torna inviável uma abordagem suscinta sobre os modos de ser e existir de forma adequada, ativa. A etologia viabilizará fazermos essa ligação entre a ontologia da imanência e o *modus operandi* deste novo corpo, desprovido de qualquer ressentimento. A etologia neste contexto pode ser entendida como o estudo dos afetos e/ou o estudo acerca da capacidade de cada corpo afetar e ser afetado. Buchanan frisa, ao analisar a uso do termo etologia em Deleuze, que será a capacidade de afetar e ser afetado que será o diferencial de cada corpo, ou seja, será o que constituirá a individualidade de cada coisa em particular:

Não só a etologia deve estudar os afetos de cada coisa (velocidades e lentidão, para afetar e ser afetado), mas também as circunstâncias que determinam como e se tais relações podem ser estabelecidas com sucesso. Os afetos não são apenas um processo dos corpos, mas o são de maneiras diferentes. É sempre um processo de diferenciação. Por exemplo, Deleuze observa que os afetos não afetam simplesmente uma determinada coisa, mas que, como um devir, podem ameaçar, fortalecer, acelerar, aumentar, diminuir ou mesmo destruir o corpo. (BUCHANAN, 2008, p.159)

Tal compreensão do uso da etologia para desenvolver uma filosofia que ontologicamente produz um novo plano no qual se expressa a vida, assimila bem o modo como Nietzsche interpreta a relação do corpo com as forças constitutivas da existência. Toda a capacidade de elevação ou declínio da potência corporal dependerá do grau de adequação ou inadequação no momento que um corpo sofre a ação de um outro corpo.

Deste modo, para que, a partir do processo de relações resulte em um corpo adequado, é necessário um jogo de domínio e subjugação. Não existe ênfase no quesito de ter uma força superior e uma força inferior, o que problematizamos aqui é a capacidade do corpo em ser afetado e, em conseguir criar momentos adequados a partir de tais forças. Neste ponto, entendemos o afeto como frisa Machado (2009, p.77) “o

---

<sup>21</sup> “A etologia é, antes de tudo, o estudo das relações de velocidade e lentidão, dos poderes de afetar e de ser afetado que caracterizam cada coisa”. (DELEUZE, 2002, p.130).

<sup>22</sup> Neste ponto podemos apontar dois tipos de ontologias, a habitual das Teorias Dualistas (Ontologia da Transcendência), e a proposta por Nietzsche a (Ontologia Imanente). Feito esta separação, toda crítica da filosofia de Nietzsche foi voltada para a ontologia transcendente ou metafísica, levando a desenvolver uma ontologia radical voltada para imanência, em suma, uma visão de mundo antes de tudo ética.

afeto é a transição, a passagem de um grau de realidade a outro”. Neste jogo de forças, dependerá exclusivamente do corpo se adequar a outros corpos que qualitativamente combinam com o seu, para a partir disso, elevar sua potência, ou, afastar quaisquer corpos que não combinam qualitativamente com o seu<sup>23</sup>.

Enquanto *ontos* nos faz compreender o ser e a totalidade dos entes, o prefixo *ethos* nos remete ao modo de ser, ao comportamento, a morada ou a toca. “É assim que *ethos* pode significar o temperamento natural de uma espécie animal ou de um indivíduo, mas também a maneira habitual de ser e de se comportar [...]”. (VERGNIERES, 1998, p. 5). Enquanto a ontologia nietzschiana traz à luz um novo entendimento sobre a vida, a etologia nos proporcionará compreender os processos das relações de forças e o tipo de corpo correspondente a tais relações, que resultará nos modos de existir. O que define um corpo é a relação entre forças dominante e forças dominadas. Assim, o corpo será um composto de forças ativas e reativas. Forças ativas podemos compreender neste contexto das afecções, como a capacidade do corpo em tender à potência – forças que comandam; e as forças reativas, que se pode colocá-las como responsáveis pela manutenção do *status quo* do corpo em subserviência às forças ativas – são forças que obedecem. A condição ativa e reativa são qualidades da força, uma não anula a outra, ambas possuem qualidades inerentes a si mesma, ou seja, à própria força, e só podemos fazer a distinção quando estão em relação, pois a força não tem caráter substancial, ela sozinha será uma força qualquer no âmbito da quantidade das forças. Para que haja uma distinção das forças de forma qualitativa é preciso haver uma ação, um jogo de forças em confronto com as demais e, somente assim, poderá haver uma expressão qualitativa da força<sup>24</sup>.

O resultado, no aspecto qualitativo, será a soma adequada dos modos em relação, levando em consideração a intensidade do acesso à vontade de potência no exato momento dos afetos. Na convergência entre forças ativas e reativas é que definirá ou formará uma totalidade superior em relação ao estágio inicial do corpo. E, quando no

---

<sup>23</sup> “O objeto que convém à minha natureza determina-me a formar uma totalidade superior, que nos inclui, a ele e a mim. Aquilo que me não convém compromete a minha coesão e tende a dividir-me em subconjuntos que, em última instância, entram em relações inconciliáveis com a minha relação constitutiva (morte)”. (DELEUZE, 2002, p.27).

<sup>24</sup> Cf. ESCALANTE. La filosofía vivida: pensamiento y transformación en Spinoza y Nietzsche. (no original) “La fuerza solo se muestra en el intercambio, tensión o ‘juego’ de fuerzas. Es solo desde la confrontación con otras fuerzas que una fuerza puede expresarse y acrecentar su poder”. (ESCALANTE, 2016 p.347).

momento dessa variação de dois estados, ou seja, nessa mistura de corpos o resultado for a de diminuição da potência corporal? Neste caso, Deleuze afirma que irá comprometer a coesão e criar-se relações inconciliáveis pois não ocorreu um bom encontro. Mas, isso não significa que a potência se defasou, mas, somente assumiu uma nova configuração, com um menor grau de criação. Todo objeto que não for bom para o corpo, isto é, que for inconveniente com o meu corpo, é considerado mau, pois não se compõe ou comporá com ele; e será considerado bom, todo objeto, cuja relação se compõe com meu corpo<sup>25</sup>.

Compreender o corpo pelo prisma etológico, é compreendê-lo em seu *habitat* natural, na sua toca, local este, onde as relações de forças se expressam de forma ativa. Não há aqui, o animal e a sua toca, mas, animal e toca se tornam um só, e para utilizarmos um conceito com mais precisão, um rizoma<sup>26</sup>. “[...] qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo.” (DELEUZE, 1995, p. 15). Uma análise ético-etológica se torna essencial para entendermos o processo das relações de forças, tanto em quantidade, quanto em qualidade, rompendo qualquer forma de dualismo sobre a vida: animal e toca; corpo e alma. Não teremos aqui dualismos existenciais que tratam especificamente da essência e dos valores<sup>27</sup>. Mas, “Compreender as maneiras de ser no ser, este é o objeto de uma ética; isto é, de uma etologia. (DELEUZE, 2019, p. 134), o que Nietzsche denominava de “mundo das forças”, relação intensiva do conjunto dos seres (orgânicos e inorgânicos) que ultrapassa a relação imediata de uma física, e redimensiona os seres numa expressividade pática.

Este foi o movimento feito por Nietzsche na sua filosofia, pela ótica de uma ontologia imanente, retornou o corpo para seu *habitat* natural, para sua toca (imanência), onde os afetos não serão vistos como um empecilho para que o homem alcance uma vida plena, e “vida plena” aqui, só pode ser pensada enquanto uma vida em *permanente* adaptação na existência, jamais enquanto *status* a ser conquistado, como uma meta, pois toda meta tem um fim. Este posicionamento (a noção de estabilidade e fixidez dos corpos) vai na contramão da filosofia de Nietzsche, por isso ele não se propôs elaborar uma utopia para vida. Contudo, propôs uma nova perspectiva corporal capaz de selecionar em meio as relações de forças, um modo de existência ativo. Qual

<sup>25</sup> Cf. Deleuze, *Filosofia Prática*, p.40.

<sup>26</sup> Cf. Deleuze. *Mil platôs - Capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1, p. 15.

<sup>27</sup> Cf. Deleuze. *Cursos sobre Spinoza*, p. 134-135.

modo de existência seria capaz de superar o fardo do *Tu deves* (moral), e limpar as águas turvas de um conceito de corpo construído de forma dual, e, fundamentado na ontologia da transcendência? Nietzsche no *Prólogo III de Zaratustra* vai afirmar que, “Na verdade, é o homem um rio turvo. É preciso ser o mar para receber um rio turvo, sem tornar imundas as suas águas. [...] Pois bem, eu vos ensino o Além-Homem. Ele é esse mar [...]”. (NIETZSCHE, 2001b, p. 19-20). A mudança radical feita por Nietzsche ao propor uma ressignificação do corpo, foi o de encontrar na imanência um sentido para vida. Na primeira parte do *Zaratustra* no canto *Das três metamorfoses*, temos uma apresentação etológica subdividida em três modos de existência: o camelo, o leão e a criança. Esse canto propõe uma mudança radical de perspectiva, isto é, como o espírito se transforma em camelo; o camelo em leão e o leão em criança. Nietzsche apresenta o homem como uma transição, e como tal, precisa sair do seu estado de camelo e alcançar o estado de criança. Em suma, tornar-se um criador de si mesmo, desprovido de quaisquer ressentimentos de culpabilidade sobre o corpo, nada mais de *Tu deves*, mas, o que eu posso, o que *o meu corpo pode*.

### **MODO DE EXISTÊNCIA CAMELO: o espírito de carregador**

Nietzsche mostra as três configurações do espírito humano, isto é, três estágios que o homem transitará. Não se trata aqui de uma transformação da forma corpo, mas, no modo de existir. Em suma, não se trata de uma transformação, mas de uma mudança na perspectiva de estar e compreender o mundo. Com relação a isso, Nietzsche utiliza a imagem do camelo para exemplificar um modo de existência de “carregador”. O camelo<sup>28</sup> é um animal que dispõe de forças para altas cargas, e dotado de obediência e paciência. Partindo deste princípio, Nietzsche se utiliza destes aspectos para de forma poética apresentar como a vida foi submetida a um processo de extirpação do seu local natural (ontologia imanente), e projetada para um plano transcendente dotado de valores ascéticos que subjugarão o corpo retraindo sua capacidade afetiva (etologia dos afetos) em prol de uma busca pelo conhecimento da verdade. A vida adentrou em uma dimensão moral, com isso, teve-se, um triunfo das forças reativas, isto é, uma vida

---

<sup>28</sup> Camelo: símbolo do espírito paciente que suporta a carga do conhecimento e tem prazer em gozar de sua força. Cf. (NIETZSCHE, 2011b, p, 39).

reativa sendo estruturada a partir de um pensamento voltado a valores transcendentos. Deleuze, na obra *Nietzsche*, frisa que:

Ao mesmo tempo que o pensamento se torna assim negativo, vemos a vida depreciar-se, deixar de ser activa, reduzir-se às suas formas mais fracas, a formas doentias só compatíveis com os valores dito superiores. *Triunfo da “reação” sobre a vida activa e da negação sobre o pensamento afirmativo.* (grifos do original). (DELEUZE, 2018, p, 19).

Se temos uma vida fundada sobre valores superiores dotados de verdade moralmente construídas como via de caminho para se alcançar o bem, então, temos do mesmo modo, um tipo de pensamento reativo fruto do modo de existência *camelo* (carregador). E carregador aqui, é uma qualidade deste modo de existir, pois goza desta força em suportar a carga dos valores superiores. O espírito tornado besta de carga, é o corpo tornado fardo da alma, que goza de sua capacidade ascética (negação da vida), pois compreende pelo prisma deste modo de existência, que o corpo é um impedimento para que o homem compreenda de forma sublime, o Ser.

A teoria socrática-platônica depositou todas as adjetivações positivas sobre um modo de existência com valores em um além-mundo. Desta feita, mantendo uma subserviência do corpo à alma, pois todo o labor terreno, todo sofrimento existencial foi atribuído ao corpo, e por isso, o homem socrático-platônico deveria se afastar deste objeto terreno. Um modo de existir fundado no ressentimento, tendo como base uma vida de negação aos afetos alegres que aumentam a potência do corpo, não poderia criar um modo de existência afirmativo, mas, um estilo de vida ascético de negação da vida. Em suma, um corpo carregado demasiadamente pelo fardo do *Tu deves* é aquele que tira da existência, por meio da experiência, somente momentos de ressentimentos em relação à vida<sup>29</sup>. Neste ponto, o filósofo deixou de ser um fisiólogo ou médico para se tornar metafísico.<sup>30</sup>

O filósofo avalia a sua vida segundo a sua atitude em suportar pesos, em carregar fardos. Estes fardos, estes pesos são precisamente os valores superiores. Tal é o espírito de peso que reúne no mesmo deserto o carregador e o carregado, a vida reactiva e depreciada, o pensamento negativo e depreciador. (DELEUZE, 2018, p, 20).

---

<sup>29</sup> “[...] a experiência nos ensina que se quisermos alcançar o conhecimento puro de alguma coisa, teremos de nos separar do corpo e considerar apenas com a alma como as coisas são em si mesmas”. (*FÉDON*, XI, 125, a).

<sup>30</sup> Cf. Deleuze, *Nietzsche*, p. 19.

Uma vida reativa, de negação aos afetos alegres, torna o corpo um campo de ressentimentos às forças ativas, limita e impede a vida afirmativa. Este é o fardo de um modo de existência com qualidade de carregador. Esse ato de negação da vida, levou o homem a uma vontade de nada, estagnada no deserto. Assim, o modo de existir foi construído a partir da negação da vida afirmativa, criando assim, uma vida depreciativa. Todo processo de compreensão da realidade terá como base os valores superiores (ontologia da transcendência) e uma visão equivocada da realidade: “Todos os nossos motivos conscientes são fenômenos de superfície: por trás deles se trava a luta de nossos instintos e estados, a luta em torno do poder”. O carregador tornou-se escravo de sua própria força, o espírito tornado em besta se tornou um escravo de seu próprio modo de existência. Tornou-se um carregador fraco em potência e afetos alegres, diferente de um criador, de um espírito livre. O espírito tornado em besta de carga exulta da sua força, em suportar o modo de existência construído a partir da sua forma de compreensão e interpretação sobre a vida (valores superiores). “[...] toda realidade é produto de uma interpretação, isto é, de uma avaliação [...]” (WOTLING, 2003, p. 18). Neste ponto, podemos afirmar que todo modo de existir, é fruto de interpretação e avaliação sobre a vida, seja vinculada a uma ontologia transcendente ou imanente. Dois corpos podem ao mesmo tempo serem afetados por um mesmo objeto simultaneamente, no entanto, o resultado desta afecção será distinta em ambos os corpos<sup>31</sup>. Um corpo poderá a partir das relações de forças, retirar para si características que aumente sua potência corporal, de outra forma, poderá, das relações de forças agregar a seu corpo características que diminuem a potência corporal, produzindo assim, momentos tristes. Assim, a perspectiva sobre a vida, será primordial para determinar que tipo de corpo resultará de cada afeto de comando.

Nietzsche na obra *A Gaia Ciência* § 301 aborda sobre a carga de valores no mundo, “O que quer que tenha valor no mundo de hoje não tem em si, conforme sua natureza – a natureza é sempre isenta de valor: foi-lhe dado, oferecido um valor, e fomos nós esses doadores e ofertadores!” (NIETZSCHE, 2012, p.181). De início, se a natureza é isenta de valor, logo, o homem é quem emprega valores aos objetos e insere-os moralmente com graus de valoração (Bem e Mal). O espírito tornado em besta de carga, envolto nos valores superiores, regozija-se da sua capacidade em sobrecarregar-

---

<sup>31</sup> Cf. (E3P51).

se com valores superiores moralmente construídos e fundamentados pela razão. Sócrates proclamou um modo de existir que de acordo com sua filosofia levaria o homem a alcançar a verdade acerca dos objetos. Porém, criou mais uma ilusão com promessas de conduzir o homem através da razão a uma vida plena, virtuosa e feliz. Nietzsche no *Crepúsculo dos Ídolos* em *O problema de Sócrates* § 11 e 12 faz duras críticas a este modo de existência anunciado por Sócrates de negação aos instintos em prol de uma vida galgada de forma racional. “A mais crua Luz do dia, a racionalidade a todo custo, a vida clara, fria, cautelosa, consciente, sem instinto, em resistência aos instintos, foi ela mesma apenas uma doença, uma outra doença-e de modo algum um caminho de volta à “virtude”, à “saúde”, à “felicidade” [...]”. (NIETZSCHE, 2017, p. 18 – 19). Sócrates, afirma Nietzsche, nunca foi um médico, mas somente um doente.

Doravante, o modo de existência fundado na moral extirpou do homem sua capacidade de lidar com seus afetos de forma natural, enquanto estes são uma potência do corpo a ser trabalhada de forma afirmativa. O homem foi tirado do seu habitat, da sua toca. Como compreender de forma perspicaz a vida, senão, em sua toca – imanência? A busca incansável pela verdade, como se fosse o sumo bem para uma vida afirmativa, sobrecarregou o corpo com todas as adjetivações negativas possíveis. E qual a rota de fuga para romper com este modo de existir de carregador? Continuar a “[...]sustentar-se com bolotas e ervas do conhecimento, e fazer jejuar a alma por amor da verdade?” *Das três metamorfoses* (NIETZSCHE, 2011b, p. 40).

Na tentativa de superação do modo camelo, da vida fraca e reativa, o homem apressou ainda mais os passos para o seu deserto. Contudo, no trajeto, a sua vontade de nada e de ressentimento sobre a vida, vê em si mesma, a saída para uma superação do ideal ascético, que tolera e sustenta uma vida fraca e reativa. Preparado está um novo estágio, um novo modo de existir, será o *modo Leão*. Porém, estará ele dotado de poder e capacidade para conquistar a liberdade de criação de novos valores? A morte de Deus ecoou um momento barulhento, não temos com este evento uma transmutação dos valores, pois para ser uma transmutação, requereria que o próximo modo de existir fosse afirmativo, e não negativo. À vista disso, o homem se descobriu como assassino de Deus, e com todo o seu fulgor, assumiu o seu lugar na história<sup>32</sup>. Substituir Deus, foi sua maior conquista, no entanto, só adquiriu um novo peso. O modo de existir do

---

<sup>32</sup> Cf. Deleuze, *Nietzsche*, p. 28.

espírito tornado em besta (camelo), gozará ainda mais da sua capacidade de carregador, pois o niilismo não fora superado, mas, assumiu uma outra forma, isto é, o niilismo fora potencializado ao seu último grau.

O niilismo significava até há pouco: uma depreciação, negação da vida em nome dos valores superiores. E agora: negação dos valores superiores, substituição dos valores humanos demasiados humanos (a moral substitui a religião; a utilidade, o progresso, a própria história substituem os valores divinos). Nada mudou, porque é a mesma vida reactiva, a mesma escravatura, que triunfava à sombra dos valores divinos e que triunfa agora pelos valores humanos. (DELEUZE, 2018, p. 28-29).

Aqui temos o mesmo modo de existência, o mesmo carregador que deu mais alguns passos para o deserto do niilismo como afirma Deleuze (2018). Com as mesmas nuances, os mesmos pressupostos sobre a vida. A vida continuou reativa, e escrava dos valores que outrora eram divinos, agora, apenas moral. A morte de Deus foi aos olhos do homem um dos maiores feitos, desta maneira, preparado estava o caminho para uma nova aurora, para um novo modo de existência. Ademais, o homem conseguiu romper o cordão entre a terra e o sol, entre o corpo e os valores superiores. Contudo, não estava preparado para uma transmutação dos valores, o *Eu posso* foi sugado pelo barulho da morte de Deus, e sucumbiu-se sob uma nova forma do niilismo.

Que fizemos nós, ao desatar a terra do seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para a frente, em todas as direções? Existem ainda 'em cima' e 'em baixo'? Não vagamos como que através de um nada infinito? (NIETZSCHE, 2012, p.137).

Este novo aspecto do niilismo trouxe à tona uma nova figura, um modo de existência em que o corpo se mantinha aprisionado por valores racionais e morais. O espírito de carregador já não estava relacionado aos valores divinos, agora, piores dos homens assumem esse papel. Nietzsche compreendeu que o advento da morte de Deus potencializou exponencialmente a vida negativa, a vida reativa. Em suma, novas faces no niilismo. Os valores superiores foram destruídos e rompidos sua conexão com o corpo, o homem encontra-se em um modo de existência onde as forças reativas se sobrepuseram às forças ativas. Assim, não pôde responder satisfatoriamente aos problemas da vida, sejam os mais simples gestos de afetos ou os problemas existenciais mais complexos, pois destruiu todos os valores.

O corpo é relação de forças ativas e reativas, como afirma Deleuze (2018, p.56) que “Ativo e reativo são precisamente as qualidades originais que expressam a relação da força com a força”. É precisamente essa relação da força ativa com a força reativa que determinará o modo de existência de cada corpo. Como cada corpo se relaciona com os seres é que determinará o modo resultante das suas forças ativas. Seja, um acesso no mais alto grau à vontade de potência de forma ativa ou, em um alto grau à vontade de potência negativa; e *grau* aqui pode se entender pela intensidade de acesso de cada corpo na duração de suas afecções, isto é, pela intensidade gradativa da vontade de potência em cada ato singular. Escalante (2016, p. 487) sustenta que “A intensidade gradativa da potência de cada coisa singular se mede nos afetos que pode produzir”. No entanto, para que essa intensidade ao acesso à vontade de potência se converta em um modo de existência afirmativo, requererá do corpo um ato antes de tudo de caráter ético-etológico. Contudo, o caminho percorrido pelo espírito de carregador foi o inverso, optou por trilhar um caminho com afetos fundados em juízos morais, que não têm uma relação natural com a vida, mas, de imposição do *Tu debes*. Por fim, a pior de todas as formas emergiu nessa nova face do niilismo. O *Zarathustra* de Nietzsche exclama, denunciando esta nova figura criadora de uma cultura enferma.

Vede! Eu vos mostro o *último homem*. “Que é amor? Que é o criar? Que é anelar? Que é estrela?”. Assim perguntará o último homem, piscando os olhos. A terra tornar-se-á, exígua, e sobre ela, veremos saltitar o último homem que tudo amesquinhará. Sua espécie é indestrutível como a da pulga; o último homem é o que viverá por mais tempo. (NIETZSCHE, 2011b, p. 27).

O último homem, é um modo de existência das forças reativas e da vontade de nada elevado até as últimas consequências. E neste caso, o aspecto depreciativo sobre a vida se manteve, afirma Deleuze (2018, p. 2017-2018) “[...]o negativo como vontade de potência, a vontade como vontade de nada”, continuaram sustentando estes novos valores que já nasceram velhos, pois a depreciação sobre a vida se manteve. A morte de Deus foi um momento barulhento, que foi abafado pelo o último dos homens, que na tentativa de criar seu próprio modo de existir, destruiu os valores superiores e os valores humanos. Nada mais faz sentido para esta nova forma, para este novo modo de existir.

O corpo, produto de uma vida qualificada pelos juízos de valor, manteve-se sobrecarregado, mas é no deserto que esse corpo inicia sua transmutação, e a crença na vontade de nada, na vontade de potência negativa encontra um ponto de mudança. É

necessário que o último dos homens perca seu protagonismo e que a vontade negativa seja convertida para a vontade afirmativa. Para isso, se requererá um outro modo de existir capaz de se contrapor ao *Tu debes* dos juízos de valores sobre a vida. Faz-se necessário que o espírito tornado em besta de carga se esvaneça e esmaeça, transfigure-se para um novo estágio do espírito humano.

### **MODO DE EXISTÊNCIA LEÃO: o espírito do sagrado não**

Faz-se necessário uma mudança no espírito, uma transmutação para um novo modo de existir. O espírito tornado em besta de carga alcança o seu deserto<sup>33</sup>, e nesse ponto pode alcançar o segundo estágio da sua transmutação. “E lá, nessa solidão extrema, produz-se a segunda metamorfose; o espírito torna-se leão; quer conquistar a liberdade, e ser amo em seu próprio deserto”. (NIETZSCHE, 2011b, p. 40). O modo de existir leão<sup>34</sup> traz consigo toda sagacidade e determinação do querer libertar-se da carga dos valores superiores do seu estágio precedente. O corpo no modo camelo, era o corpo subserviente à alma, a crença em um além-mundo, aos valores “superiores” e aos valores morais. Agora tornado em leão, adquire a capacidade para questionar, criticar e a dizer não à estrutura moral estabelecida.

O corpo nesse modo de existência leão, defronta-se com todo um conjunto de regras morais que inibem, ou reprimem o espírito de senhor, a sua vontade livre que se dispõe a iniciar sua crítica e recusa aos valores superiores que construíram o conceito de vida, de corpo. Como criar valores novos em um ambiente onde todos os valores já foram criados e estabelecidos como verdade. Teria esta capacidade criativa o modo de existência leão?

Do modo leão é a força, não a criação. O modo de existência leão goza da sua capacidade da vontade livre, para dizer “eu quero”, decidir se continuará submisso as regras, ou se decidirá buscar meios para conquistar o direito de criar valores. Entretanto, o espírito tornado em leão, no ato da sua segunda metamorfose, não adquiriu a capacidade para criar valores, pois o rapace leão, ainda tem em si o peso dos antigos

---

<sup>33</sup> Deserto: é símbolo dionisíaco do cepticismo, da ausência de alegria e de vida, do objetivismo vulgar. É naturalmente polissignificável, pois simboliza abandono, solidão, descrença etc. Mas aqui tem também a primeira referência. Cf. (NIETZSCHE, 2011b, p. 39). *Das três metamorfoses*.

<sup>34</sup> O estágio do espírito tornado. Leão: é o símbolo do poder, da majestade, da independência, do querer dionisíaco, que leva à vitória. Cf. (NIETZSCHE, 2011b, p. 39). *Das três metamorfoses*.

valores, e como detentor de uma vontade livre, precisa despir-se das sobras da carga divina. Por fim, este modo tornou-se um negativo convertido<sup>35</sup>.

Criar valores novos, nem mesmo o leão o pode; mas a liberdade para a criação nova, isso pode o poder do leão. Para conquistar a própria liberdade, o direito sagrado de dizer não, até ante o dever, para tanto, meus irmãos, é preciso ser leão. (NIETZSCHE, 2011b, p. 41).

O espírito tornado em leão ainda traz consigo resquícios da vida depreciativa, por isso não tem a capacidade para criar valores novos. No entanto, na transmutação, houve uma mudança no aspecto qualitativo da força. Diferente do *último dos homens* que prefere se extinguir passivamente, *o homem que quer perecer*, busca uma morte ativa<sup>36</sup>, é preciso perecer para preparar o caminho para o último estágio do espírito anunciado por *Zarathustra*. O espírito do sagrado “não” só emerge no modo leão, pois para dizer não aos juízos de valores que estruturam a vida precisa ser um leão para tal empreitada. Em suma, precisa ter o ímpeto, audácia, força de leão para conquistar a liberdade, romper o elo das forças reativas com a vontade de nada. Tal feito é necessário para uma mudança de perspectiva sobre a vida. “Quando as forças reativas rompem sua aliança com a vontade de nada, esta, por sua vez, rompe sua aliança com as forças reativas. Inspira ao homem um novo gosto: destruir-se, mas destruir-se ativamente”. (DELEUZE, 2018, p. 221). Deleuze enfatiza que quando há uma desagregação entre as forças reativas e a vontade de nada, abre possibilidade para o novo modo. A relação de afetividade entre o homem reativo e seu objeto passa por uma desagregação de valores, e é neste ponto, que ocorrerá uma transmutação de uma vontade passiva, para uma vontade ativa, e por vez, leva o homem a querer uma nova perspectiva, a romper com a vontade de nada, a destruir-se, mas, de forma ativa. Neste aspecto, destruir-se, não se refere a um aniquilamento concreto do corpo, antes se refere, a um permitir-se mudar, querer aniquilar-se em prol de mais potência. Esse *homem que quer perecer*, prenuncia o além-homem (*Übermensch*), prepara o caminho para um novo modo de existir afirmativo.

---

<sup>35</sup> Cf. Deleuze, *Nietzsche*, p. 240.

<sup>36</sup> Um dos pontos centrais na formulação do *ethos* do indivíduo dionísíaco, segundo Nietzsche, é a capacidade de uma “eterna alegria”, mesmo diante do “aniquilamento”; esse ponto, seria a distinção proposta pelo próprio Nietzsche na compreensão da Tragédia: os afetos que estão envolvidos no drama não são o medo, a purificação e a piedade (como defende Aristóteles), mas uma realização de si mesmo, um júbilo acima do medo e da piedade (cf., *O Crepúsculo dos ídolos*, o que devo aos antigos), ou seja, não é a contenção da força que está em questão, mas o excesso como conquista e realização.

Esta desagregação entre as forças faz do negativo um modo afirmativo, o negativo transmutado em modo leão é detentor do sagrado “não” que somente o afirmativo pode dizer, pois agora estar transmutado, pois a vontade de potência negativa perdeu sua qualidade no ato da transmutação. O homem que quer perecer, convertido em afirmativo, é o homem da destruição ativa “[...] ele quer ser superado, vai além do humano, já no caminho do além-do-homem, ‘ultrapassa a ponte’, pai e ancestral do além-do-homem”. (DELEUZE, 2018, p. 221). Para este entendimento sobre a destruição ativa do corpo, precisa-se distanciar este personagem da filosofia de Nietzsche de quaisquer aspectos utópicos de corpo a ser alcançado. Como frisa Nick Bostrom em *A History of Transhumanist Thought*, que o autor do *Zarathustra* não tinha como foco de sua filosofia uma transformação do homem através da tecnologia, mas, uma transformação cultural e um crescimento de si através da mudança nas tábuas de valores<sup>37</sup>.

A destruição ativa significa: o ponto, o momento de transmutação na vontade de nada. A destruição se torna *ativa* no momento em que, estando rompida a aliança entre as forças reativas e a vontade de nada, esta se converte e passa para o lado da *afirmação*, se relaciona com uma *potência de afirmar*, que destrói as próprias forças reativas. A destruição se torna ativa à medida que o negativo é transmutado, convertido em potência de afirmar: “o eterno prazer do vir a ser”, “*prazer no destruir*”, “*afirmação do fluir e do destruir*”. (DELEUZE, 2018, p. 221-222, Grifos do autor).

Somente o homem da destruição ativa pode conquistar a liberdade para criticar os juízos de valores estabelecido. Ele pode gozar do poder para destruir a si mesmo em prol de novos valores. *Zarathustra* entoa que criar valores novos não será atribuição para este modo de existência devido ainda estar imerso nas águas imundas – a cultura: “Conquistar o direito de criar valores novos é a mais terrível empresa para um espírito resignado e respeitoso”. (NIETZSCHE, 2011b, p. 41). Este *homem que quer perecer*, ao ter enjoos do que foi produzido pelo mais desprezível dos homens<sup>38</sup>, e ao provocar uma cisão com as forças reativas e a vontade de nada, converte um modo de existir negativo, em um modo de existir afirmativo. Doravante, ainda levará tempo para que alcance o sentido da transmutação. Sua potência afirmativa lhe proporcionou a capacidade de criticar o seu próprio modo de estar no mundo, e isso, lhe conduziu para

<sup>37</sup> Cf. BOSTROM, N. “A History of Transhumanist Thought”. *Journal of Evolution and Technology*, Vol. 14, Nr. 1, 2005. p. 4.

<sup>38</sup> Cf. Nietzsche. Assim falava Zarathustra, *Prólogo V*, p. 26 – 29.

além. Não mais o modo reativo e fechado nos valores morais como causa de si mesmo, mas, um negativo convertido em afirmativo. Dessa maneira, a corda para ultrapassar o abismo do niilismo foi posta.

O homem é uma corda estendida entre o animal e o além-homem: uma corda sobre um abismo. [...] A grandeza do homem consiste em ser uma ponte e não uma meta; o que se pode amar no homem, é ser ele uma ascensão e um declínio. [...] Amo aos que sabem viver senão com a condição de perecer, porque, perecendo, eles passam além. (NIETZSCHE, 2011b, p. 22).

A destruição ativa foi a qualidade admirada por Zaratustra nesse modo de existir, pois a determinação para a mudança é expressivamente um aniquilamento do corpo moral em prol de um corpo ético composto de afetos de experimentação e que diz não aos afetos de julgamento. O declínio anunciado por Zaratustra é a base para um novo modo de existir, e assim, tal modo só é possível com a destruição do *homem que quer perecer*, pois ele compreendeu que seu poder de dizer não, seria o fio condutor para o além-homem. Nestes termos, como já frisado, o modo leão não poderia criar valores novos, sendo que ele mesmo era fruto de valores que já tinham nascido velhos. Contudo, tem em si, forças convertidas em afirmativas para conquistar a liberdade de criar o caminho, criar a ponte entre o ancestral e o além-homem. Exclama *Zaratustra!*

Amo ao que vive apenas para conhecer e quer conhecer para permitir que um dia viva o Além-homem. Essa é a sua maneira de querer a própria perda. [...] Amo ao que trabalha e inventa, a fim de erigir um dia a morada do Além-homem, e preparar para ele a terra, os animais e as plantas. Essa é a sua maneira de querer a própria perda. [...] Amo aquele cuja alma pródiga recusa qualquer gratidão, nem devolve o que quer que seja; porque dá sempre e nada reserva para si. (NIETZSCHE, 2011b, p. 22-23).

Se já temos um modo negativo convertido em ativo, e do mesmo modo, as forças ativas já manifestadas, então, o espírito tornado em leão, estar preparado para o próximo estágio. Faz-se necessário um novo modo de ser e existir, modo este, em que o corpo alcança suas maiores potencialidades na existência. Um modo de existir onde não há inserção da dualidade existencial, ocasionando assim, uma qualificação da vida por meio da moral como ocorre nas teorias dualistas. O caminho para o próximo estágio do espírito humano, segundo Nietzsche, ocorre quando o corpo retorna para seu habitat natural, e assim, compreendido, antes de tudo, pela sua capacidade de afetar e ser afetado na existência. Mas, o que pode fazer a criança onde o leão não o pôde? “Mas,

dizei-me, irmãos: que pode fazer a criança, onde o próprio leão foi incapaz? “Por que o rapace leão deve tornar-se criança? (NIETZSCHE, 2011b, p. 42).

### **MODO DE EXISTÊNCIA CRIANÇA: o espírito do sagrado sim**

O resultado da metamorfose é tornar-se criança, se tornar o além-homem (*Übermensch*) como um modo de existir, visando sempre a melhor forma de estar no mundo, tirar o melhor proveito de cada encontro, tornar adequado cada encontro com outros corpos, visando sempre a elevação da potência. Mas por que o modo criança é visto como resultado do canto *Das três Metamorfose*? Nietzsche viu na figura da criança o aspecto da inocência perante a existência, a prática dos seus atos não tem em si, finalidades. “Inocência é a criança, o esquecimento, novo começar, jogo, roda que gira sobre si mesma, primeiro movimento, santa afirmação”. (NIETZSCHE, 2011b, p. 42).

O aspecto autotélico deste modo proporciona ao homem uma nova perspectiva sobre a existência, pois o modo criança é detentor do *sagrado sim*, isto é, o *sim* para uma vida afirmativa fundada na capacidade do corpo em afetar e ser afetado, serão os afetos de comandos que determinarão seu modo de estar na vida. O modo criança alcança a capacidade para dizer sim para vida somente após sua peregrinação pelo modo anterior – modo leão. Para dizer sim, foi preciso dizer o *não do leão*, o não aos juízos de valores impostos à vida. Este modo, é o último estágio da metamorfose, o momento em que o espírito humano se torna criador, o momento em que o corpo é retornado para seu *habitat natural* – imanência. O estágio do leão conquistou a liberdade para o advento de novos valores que somente a criança seria capaz de criar.

Nietzsche em *Assim Falava Zarathustra* no canto *Nas Ilhas Bem-Aventuradas*, afirma, “Criar é a grande emancipação da dor, e o alívio da vida. Mas para que exista o criador, necessitam-se muitas dores e transformações.” (NIETZSCHE, 2011b, p.119). O espírito tornado em criança é um pulso do devir, são momentos a serem alcançados pelo corpo, e a intensidade das afecções e atualizações é determinada pelo grau de acesso à vontade de potência afirmativa. Em suma, a cada acontecimento na sua mais célebre realização, ele supera a si mesmo, em si mesmo, pois sua plenitude independe da forma

corpo, pois ele não é um fim, ele não detém o poder, é atravessado pelas múltiplas forças que compõem a existência.

O *jogo* praticado pela criança no ato da brincadeira, é o jogo que tem um fim em si mesmo, não temos aqui um aspecto teleológico.<sup>39</sup> A criança ao brincar, ao se divertir, não busca uma satisfação extrínseca, mas, suas ações são imanentes a si, são intrínsecas, não há um porquê, muito menos um para quê. A sua inocência em estar no mundo proporciona a criação de valores sobre a realidade a partir dos afetos livres que compõem seu *ethos*. A partir das afecções, é que este modo de existência criará momentos para si, que eleve sua potência corporal, criando assim, momentos alegres, afirmativos. Diferente do modo de carregador, que toda a sua atividade existencial estava pautada em uma finalidade transcendente, em valores superiores, moral. Assim, toda ação humana neste modo do espírito tornado em besta de carga, era extrínseca, pois seu corpo estava dissociado de uma ontologia da imanente.

No âmbito ético-etológico, o corpo é avaliado pela sua capacidade de ser afetado, ou seja, pelo que pode, e não pelo que é. A cada afeto de comando, novas configurações de existência é criado. Assim, a vontade de potência no corpo não visa uma conservação, mas um aumento no grau da capacidade de criar realidade, tirando proveito de cada instante deste mar de forças, como se este, fosse o último momento de sua existência, por fim, um corpo criador. “[...] cada potência extrai em cada instante sua última consequência.” (NIETZSCHE, 2011a, § 297, p. 380). Nietzsche é categórico ao afirmar que, “Deves criar um corpo superior, um primeiro movimento, uma roda que gire sobre si; deves criar um criador. (NIETZSCHE, 2011b, p. 100). Um corpo capaz de aumentar seu grau de qualidade durante a afecção, capaz de no ato dos afetos de comando aumentar sua qualidade de existir de forma adequada, pois somou a si características alegres, boas. O resultado desta relação durante as afecções dependerá da estrutura de cada corpo e de como cada corpo se adequará.

O corpo criador do modo criança tem a capacidade para criar valores a cada configuração existencial, pois estar na sua toca, e nela, é suprido todas as suas necessidades criativas - imanência. A sua realização na existência dependerá exclusivamente da sua capacidade de adequação no ato das relações de forças. Vejamos

---

<sup>39</sup> Na última transformação aparece uma das características mais fortes da filosofia de Nietzsche, o elemento heraclítico, sintetizada no fragmento 52: “O evo (tempo) é um menino que brinca jogando dados: regime de criança”. (Utilizamos a tradução de Damião Berge. O logos heraclítico, introdução ao estudo dos fragmentos).

o que Espinoza na Proposição 51 do livro III da *Ética* irá afirmar, “Dois homens podem, portanto, ser afetados, no mesmo momento, de maneiras diferentes. [...] podem ser afetados diferentemente por um só e mesmo objeto”. (E3P51). Roberto Machado ao escrever o capítulo *Espinosa, o ser e a alegria*, afirma que, “A afecção é o estado de um corpo quando ele sofre a ação de outro corpo, é uma ‘mistura de corpos’ em que um corpo age sobre outro e este recebe as relações características do primeiro”. (MACHADO, 2009, p.74). Espinoza é assertivo e ao mesmo tempo provocativo quando lança a questão sobre “o que pode um corpo<sup>40</sup>”, e neste ponto, deve-se separar dois estágios fundamentais nessa problemática. A primeira diz respeito da relação do corpo com o meio e com os demais corpos em relação. A segunda diz respeito a sua capacidade de ser afetado, isto é, até que ponto sua natureza permitirá ser afetado.

O motivo é que, quando tenho um encontro no qual a relação característica do corpo que me afeta, que me modifica, se combina com a relação característica de meu corpo, minha potência de agir aumenta. [...] Ao contrário, quando tenho um encontro no qual a relação característica do corpo que me afeta compromete ou destrói parte da relação característica de meu corpo, minha potência de agir diminui e, no caso extremo, pode até mesmo se destruída. (MACHADO, 2009, p.76).

A partir de um determinado centro de força ou ponto de aplicação<sup>41</sup> escolhido pelo corpo, é que a vontade de potência agirá, seja uma vontade dominadora, seja uma vontade dominada, isso dependerá do grau de adequação e inadequação de cada corpo em relação aos outros corpos, pois onde há vida existirá aquele que manda e o que obedece. Deleuze em *Conversações* é enfático ao sintetizar que não basta que a força se exerça sobre outras forças, também é preciso que ela se exerça sobre si mesma: será digno de governar os outros aquele que adquiriu domínio de si”. (DELEUZE, 1992, p. 140 – 141). Ademais, a mesma vontade dependendo da intensidade, poderá hora mandar, hora obedecer. No *Assim Falava Zaratustra* no canto *Do Domínio de Si*, Nietzsche fala que, “Em toda parte onde encontrei a vida, ouvi falar de obediência. Tudo o que vive obedece. E eis o segundo ponto: manda-se naquele que não sabe obedecer a si mesmo. Tal é frequente entre os vivos”. (NIETZSCHE, 2011b, p. 157). É

---

<sup>40</sup> O fato é que ninguém determinou, até agora, o que pode o corpo, isto é, a experiência a ninguém ensinou, até agora, o que pode o corpo – exclusivamente pelas leis da natureza enquanto considerada apenas corporalmente, sem que seja determinado pela mente – pode e o que não pode fazer. Pois ninguém conseguiu, até agora, conhecer tão precisamente a estrutura do corpo que fosse capaz de explicar todas as suas funções [...]” (E3P2S1).

<sup>41</sup> Cf. Deleuze, *Foucault*, p.132.

justamente essa relação de oposição da vontade de potência à outras vontades de potência que garantirá ao ser humano a sua efetividade na existência e a criação de novos modos de ser. “Toda vontade de poder é, com efeito, dependente de sua oposição a outras vontades de poder, para poder ser vontade de poder”. (MÜLLER-LAUTER, 1997, p. 84).

Foi justamente esta capacidade de transformação e adaptação sobre a existência que levou Nietzsche a admirar Lamarck nas suas intuições sobre a existência de uma força ativa, uma força de metamorfose<sup>42</sup>. Vemos neste ponto uma mudança de perspectiva sobre a existência, pois, não se trata de uma adequação ao meio de forma reativa, mas uma adequação ativa no ato das relações entre os corpos, tendendo a captar para si as características dos outros corpos ou momentos, que elevará sua potência corporal resultando em um momento alegre, ativo; em suma, uma potência de transformação que permite o surgimento de algo novo, ou como lembra Deleuze (2018, p. 59), “[...] chama-se de nobre a energia capaz de se transformar”.

#### REFERÊNCIAS:

STIEGLER, Barbara. **Nietzsche et la biologie**. Paris: PUF, 2001.

BROSTROM N. **Transhumanist values**. Review of Contemporary Philosophy 4, 2005b: <http://www.nickbostrom.com/ethics/values.pdf>.

BUCHANAN, Brett. **Onto-Ethologies: The Animal Environments in Uëxkull, Heidegger, Merleau-Ponty and Deleuze**. NY: Sunny Press, 2008.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro, ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. Gilles Deleuze, Félix Guattari; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro, Editora 34, 1995 (Coleção TRANS).

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. Tradução: Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. Revisão técnica: Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução de Cláudia Sant’Ana Martins; revisão da tradução Renato Ribeiro – São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a filosofia**. Traduzido por Mariana de Toledo Barbosa,

---

<sup>42</sup> Cf. Deleuze, *Nietzsche e a filosofia*, p.59.

Ovídio de Abreu Filho. São Paulo: n-1 edições, 2018.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa e o problema da Expressão**. Tradução de GT Deleuze – 12, coordenação de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2017 (1ª edição).

DELEUZE, Gilles. **Curso Sobre Spinoza** (Vincennes, 1978-1981. Tradução para português Emanuel Ângelo da Rocha Fragoso, Francisca Evilene Barbosa de Castro, Hélio Rebello Cardoso Júnior e Jefferson Alves de Aquino. 3ª ed. Fortaleza: edUECE, 2019.

ESCALANTE, Raúl E. de Pablos. **La filosofía vivida: pensamiento y transformación en Spinoza y Nietzsche**. Tese (Doutorado em Filosofia) - Facultad de Filosofía, Universidad Complutense de Madrid. Madrid. p. 584 fls. 2016.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

REALE, Giovanni. **Corpo, alma e Saúde: o conceito de homem de Homero a Platão**. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Paulus, 2002.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **A doutrina da vontade de poder em Nietzsche**. Tradução: Oswaldo Giacóia. São Paulo: ANNABLUME, 1997. (Coleção E: 6).

NIETZSCHE, Friedrich. **Fragmentos do espólio** (julho de 1882 a inverno de 1883/1884). Tradução de Flávio R. Kothe. Brasília: UnB, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. **Fragmentos do espólio** (primavera de 1884 a outono de 1885). Tradução de Flávio R. Kothe. Brasília: UnB, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Vontade de potência**. Tradução, Prefácio e notas de Mário D. Ferreira dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011a.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falava Zarathustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução e notas explicativas da simbólica nietzschiana de Mário Ferreira dos Santos. 6ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes 2011b.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo: Maldição contra o cristianismo**. Tradução, notas e apresentação de Renato Zwick. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2011c.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do Bem e do Mal: Prelúdio de uma Filosofia do Futuro**. Tradução de Antônio Carlos Braga. 3ª edição Escala. São Paulo. 2011d.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos: ou como se filosofar com o martelo**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza, 1ª edição. São Paulo, Companhia de Bolso, 2017.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. 2ª edição, 6ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

VERGNIERES, Solange. **Ética e política em Aristóteles**: physis, ethos, nomos. Tradução Constança Marcondes Cesar. São Paulo: Paulus, 1998.